

Literatura e fome: representação da velha luta entre opulência e miséria.

Riccardo Greco¹

Resumo: Tenho em mãos dois romances: *A Fome*, de Hamsung, e *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, ambos editados em 1890. De modo geral penso que existam, naquela grande via de expressão que é a literatura, fios que unem países e culturas. Entre muitos, com certeza, achei que o problema da fome fosse um dos mais próximos à vida do dia a dia de um povo e, portanto, o mais objetivo. Nada de mais falso: também a fome tem representações várias que refletem aspectos íntimos da sociedade em que se manifesta. Mas desde o início, não seria melhor se perguntar o que é que é a fome?

Palavras Chave: literatura e sociedade, fome, fome na literatura, literatura comparada.

Rei: Qual é o dia mais longo?

Bertoldo: O que passamos sem comer.

(Giulio Cesare Croce in "Bertoldo e Bertoldino")

Seria suficiente dar uma olhada para o mapa do mundo para perceber que a maioria das áreas onde ainda as comunidades humanas padecem a fome são, de fato, concentradas na faixa climática delimitada pelos trópicos. Nestes países a fome tem origem em causas naturais e, se pensarmos, por exemplo, no Sertão, agravada por uma má gestão dos recursos naturais. No caso de alguns estados africanos ou da Índia a fome não coincide com a falta de alimentação: vacas e porcos andam soltos na rua e ninguém come. Fenômeno que evidentemente tem a ver com tabus que provêm da religião. Seria então possível definir a fome como aquele estádio em que uma comunidade aceita comer coisas que em condições normais nunca comeria? No caso da Europa, aconteceu que durante os dois grandes conflitos bélicos do século XX a

¹ Doutorando junto à Facoltà di Lettere e Filosofia della Università di Siena – Itália. Texto escrito originalmente em português. Revisão de Célia Tolentino

população teve de mudar radicalmente a própria dieta, mas em condição geral de pobreza ninguém se atreve a cozinhar, por exemplo, gatos ou ratos. O protagonista do livro de Hamsung roubou pão, mas nunca teve de se alimentar com coisas estranhas ao seu hábito. A partir do século XV é que na literatura do velho mundo surge a maioria das obras que têm por assunto a fome ou personagens que estão preocupadas com esse tema, lembre-se da *Commedia dell'arte*, *Lazarillo de Tormes*, o *Decameron* etc. Houve naquela época uma reviravolta da visão do mundo, devida também ao “descobrimientos” das terras de além mar. Aquela gente começou pensar na existência de mundos fantásticos, o “eldorado” ou “País da Cucanha” para citar o país mítico estudado por Piero Camporesi (1978) no seu célebre ensaio *Il paese della fame*. Estas terras imaginadas como riquíssimas de ouro, jóias preciosas e comida deviam alegrar o povo e oferecer uma saída para aquela visão escura do mundo herdada da sociedade medieval. Quando o povo percebeu que nem assim ia melhorar a própria condição e que os ricos e os aristocratas, pelo contrário, estavam enriquecendo ainda mais, a crise social se tornou mais evidente e a vida nas cidades mais perigosa. O mundo mítico da fartura em terras distantes mudou para uma zona mais próxima, a cozinha das casas, que, tornando-se particular, precisava ser defendida dos pobres e dos famintos. Quem tinha para comer ficava trancado nos palácios de costas ao problema, quem tinha riqueza, como, por exemplo, a Igreja, fechava as portas aos mendigos considerados uma ameaça. Esta trágica dicotomia entre classes ricas e pobres percebia-se observando as Igrejas barrocas onde a riqueza dos ornamentos era pesadíssima a ponto de oprimir o homem (pensemos no equivalente caso brasileiro representado pelas igrejas barrocas de Minas e Bahia). A hierarquia da sociedade exprimia-se também nas orações religiosas que tratavam de punições e fogos eternos, vozes de ameaças e maldições.

No século XVII, o cenário urbano da Itália era feito pelo luxo decadente por um lado, e pela miséria incontrolada do outro. Fora das igrejas os pobres sentavam nos degraus pedindo esmolas e mostrando doenças e malformações físicas verdadeiras ou simuladas para chamar a atenção. O grande mito popular de um mundo maravilhoso sem fronteiras onde as relações de propriedade são invertidas, e a utopia de uma renovação social perdem força e capacidade de aliviar as penas do dia a dia, numa palavra só, perde-se a esperança na *renovatio*. O País da Cucanha, diz Camporesi, só em parte era um mito de evasão que devia compensar as frustrações de um sistema

social e econômico fortemente hierarquizado. Aos poucos, porém, deixa de ser uma utopia societária para representar um refúgio narcotizante para o indivíduo. A crise econômica que na Itália ocorreu no século XVII obrigou os trabalhadores do campo - mas também os obreiros e os artesãos das cidades - a irem para as ruas procurar subsistência. Aí tiveram que se misturar com os verdadeiros profissionais de rua como vendedores, fabricantes nômades, músicos etc. Cada um era constrangido a recitar sua horrível comédia no palco cênico da vida cotidiana, cansativa e errante. Neste contexto de desilusão social tais figuras vão se confundir com a do cigano, do músico de rua, do ladrão esperto em jogos enganadores, daquelas pessoas que a cada dia tinham de arranjar comida lutando contra a desconfiança sempre maior dos burgueses que neles viam uma horda de bandidos. Estas tipologias humanas começam a se afirmar também na literatura e representam no povo o desejo de libertação do corpo e do espírito diante da impossibilidade de realização de uma sociedade melhor. O desordenado e caótico encher a barriga, o sonho de um excesso gastronômico, coincide com a filosofia do carnaval: a evasão já não é para mundos afastados mas envolve o cotidiano com suas necessidades materiais. Neste sentido, o mundo virtual da felicidade, outrora imaginado em terras desconhecidas, vem coincidir com a cozinha onde cozinheiro substitui o rei. Cucanha seria, então, o país sonhado que ninguém conseguira encontrar: “é parecido com a morte porque de lá ninguém nunca voltou”. (CAMPORESI, 1978, p. 98. [tradução minha])

Voltando ao texto de Rodolfo Teófilo citado no início, reparemos que é o primeiro romance da literatura brasileira - o seguinte será *Luzia-homem* de Domingos Olympio - que representa fielmente os efeitos da fome sobre o indivíduo. Diferente é a maneira de tratar o assunto em *O quinze* de Rachel de Queirós ou em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, e não depende somente da corrente literária em que cada romance se situa, realistas os primeiros, e do que se pode chamar modernismo regionalista os outros dois. O exemplo mais paradigmático são as obras dos anos cinquenta de João Cabral de Melo Neto, obras em que o poeta descreve o curso do Capibaribe e a vida do retirante a partir do sertão mais distante até os mangues do Recife. Aqui o problema social é apresentado explicitamente mas não se encontram as cenas cruas de sofrimentos que caracterizam outras obras. Metaforicamente e não realisticamente, se descreve a morte e a vida do retirante (daí *Morte e vida severina*, o título do *Auto de natal*

pernambucano) em comparação ao débil fio de água do rio. Aqui a fome tem outro tipo de representação e oferece a possibilidade de enfrentar o problema da economia do sertão rural e da zona canavieira. Nunca descrita diretamente, a não ser as poucas informações do primeiro monólogo, “[...] cabeça grande/ que a custo é que se equilibra,/ no mesmo ventre crescido/ sobre as mesmas pernas finas”, a fome parece ser o *leitmotiv* da existência de todos os Severinos. A descrição do rio cheio de lama e dos ribeirinhos, homens de lama, é central nas duas obras precedentemente dedicadas ao nordeste pernambucano: *O Cão sem plumas* e *O Rio*. No trecho seguinte o poeta fala do choque entre duas realidades: os palácios da burguesia no Recife e a pobre vida dos habitantes dos cais. Esta oposição não é muito diferente daquela cisão social da Itália barroca que já vimos. Eis os versos:

“Algo da estagnação
dos palácios cariados,
comidos
de môfo e erva-de-passarinho.
Algo da estagnação
das árvores obesas
pingando os mil açúcares
das salas de jantar pernambucanas,
por onde se veio arrastando.

(É nelas,
mas de costas para o rio,
que «as grandes famílias espirituais» da cidade
chocam os ovos gordos
de sua prosa.
Na paz redonda das cozinhas,
ei-las a revolver viciosamente
seus caldeirões
de preguiça viscosa).”

A posição “de costas para o rio” mantida pela aristocracia coincide com a imagem de indiferença que tiveram poder e instituições italianas em face ao crescente fenômeno dos trabalhadores migrantes durante a crise entre os séculos XVI e XVII. A “paz redonda das cozinhas” representava o único refúgio para os ricos e, por outro lado, o sonho dos famintos que povoam as ruas da capital pernambucana. A sensação de vertigem que vem sendo criada entre os dois mundos sociais é forte, sendo radicada na história econômica e social do país a partir do colonialismo português. Em *Morte e vida*

severina a luta para uma existência melhor não dá resultados em vida. Só com a morte e com enterro é que o lavrador consegue a posse da terra que cultivou e os direitos que sempre lhe foram negados. Vale a pena ler mais uns trechos:

“— Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.”

Os versos citados referem-se a questão da reforma agrária, da distribuição das terras do latifúndio aos camponeses. Melo Neto não só denuncia que isso nunca foi alcançado, mas ironiza sobre o idealismo desta reivindicação:

“— É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.”

Nos versos seguintes o poeta descreve a transformação do trabalhador no produto:

“— Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.
— Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
serás homem de eito e trator.
— Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.”

Acontece, nesta transformação, aquele fenômeno estudado pela filosofia alemã conhecido como *Entfremdung*, ou seja a *alienação-em-algo*. Como explica Umberto Eco: “alienar-se em algo significa renunciar a si mesmo para entregar-se a um poder estranho, tornar-se outro fazendo algo, e portanto não mais agir sobre uma coisa, mas sim ser agido por alguma coisa que não é mais parte de nós”. (ECO, 1976, p. 228). Nesta condição de alienação “o homem não consegue mais dominar as coisas que produziu para que sirvam aos seus fins, acabando por servir ele próprio aos fins dessas coisas (que podem eventualmente identificar-se com os fins de outros homens)” (ECO,

1976, p. 229). Quanto mais forte for esta alienação tanto mais o trabalhador continuará acreditando ser o dono das próprias ações, e aceitará o mundo em que vive como o melhor dos mundos possíveis. Esta é também a condição do Severino que não compreende até o final da viagem que está seguindo o seu enterro e que, mesmo querendo, não poderia escolher a maneira de empregar seus braços. Cada paragem é caracterizada pela fome que aqui se manifesta como ausência de estruturas sociais a não ser o poder dos senhores da terra. A única saída possível à alienação é a solução histórica assinalada por Marx, mas contra a divisão da terra em favor dos trabalhadores combate a resistência do poder oligárquico. Se não houvesse na peça de Melo Neto a abertura para a atmosfera do natal que enche de luz a segunda parte da obra, poderíamos afirmar que a epopéia de Severino é um grande afresco da fome e da viagem desesperada e como diz Camporesi “da *insecuritas* social da instabilidade moral, da marginalização pesada de desassossego” (CAPORESI, 1978, p. 153) que, em lugar da “Espanha esplendida do ‘500 e ‘600”, tem como cenário o Pernambuco moderno.

Referencias Bibliográficas

CAMPORESI, P. *Il paese della fame*. Bologna: Il Mulino, 1978.

ECO, U. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 228.